



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ARINALDA BRASIL ABRANTES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:
A PRÁTICA AVALIATIVA AINDA PRESENTE NA ESCOLA**

CAJAZEIRAS - PB

2008

ARINALDA BRASIL ABRANTES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:
A PRÁTICA AVALIATIVA AINDA PRESENTE NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS - PB

2008



A161a Abrantes, Arinalda Brasil.
Avaliação da aprendizagem: a prática avaliativa ainda presente na escola / Arinalda Brasil Abrantes.- Cajazeiras, 2008.
56f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Aprendizagem educacional. 2. Avaliação educacional. 3. Prática avaliativa. 4. Processo ensino - aprendizagem. 5. Prática docente. I. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. II. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.015.3

ARINALDA BRASIL ABRANTES

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: A PRÁTICA AVALIATIVA AINDA
PRESENTE NA ESCOLA**

Monografia aprovada em 05 de abril de 2008

Professora Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral (Orientadora)

Arinalda Brasil Abrantes

Cajazeiras – PB
Abril / 2008

A avaliação é um processo natural, que nos permite ter consciência do que fazemos, da qualidade do que fazemos e das conseqüências que acarretam nossas ações.

(ÁLVAREZ MÉNDEZ)

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela luz, força e coragem para prosseguir em vários momentos difíceis desta caminhada.

Aos meus pais, Bosco e Fátima pelo incentivo e apoio, contribuindo para a concretização desse sonho. O meu eterno agradecimento.

Ao meu esposo, Uberlandi pelo carinho, apoio, e encorajamento nas horas difíceis dessa caminhada.

Aos meus filhos, Nathan, Milena e o pequeno Gabriel pela compreensão da minha ausência, em função da dedicação desse trabalho.

A Arineide, irmã e amiga, pelo carinho, dedicação e a incansável disponibilidade na superação dos obstáculos nos momentos difíceis. O meu muito obrigado.

As professoras Ms. Antônia Lis de Maria Martins Torres e Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral, pelo incentivo, orientações, críticas e sugestões valiosas durante a realização desse trabalho.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

Ao meu pai, João Bosco que contribuiu para que eu pudesse estudar e conquistar o sabor dessa vitória.

À minha mãe, Maria de Fátima pelo exemplo de vida, humildade, sabedoria, amor, carinho e dedicação à família.

DEDICO

RESUMO

O estudo da temática Avaliação da Aprendizagem teve como objetivo analisar o processo avaliativo e as práticas desenvolvidas na Escola Estadual Antônio Teodoro Neto, localizado no município de Sousa – PB. Utilizou-se como instrumento de pesquisa o questionário com questões abertas e fechadas, aplicados com 05 professores da escola. Os dados foram coletados e posteriormente analisados à luz dos métodos quantitativo e qualitativo. As avaliações praticadas nas escolas públicas ainda não atendem aos interesses reais dos alunos. Desse modo, tornando o processo avaliativo um momento constrangedor para educando e educadores, pois ambos desconhecem a importância e a real finalidade da avaliação dentro do processo ensino-aprendizagem. As questões do questionário foram: Os professores gostam de avaliar os alunos; dificuldades enfrentadas para avaliar os alunos; quando avaliam os alunos; instrumentos utilizados para avaliar os alunos; aspecto que os professores consideram ao avaliar os alunos; concepções avaliativas dos professores; como se processa a recuperação dos conteúdos e quais os objetivos da avaliação. Os resultados da pesquisa apontam que alguns professores compreendem o processo avaliativo como aferição de capacidades e verificação de objetivos propostos, esboçando assim, uma concepção classificatória da avaliação, dificultando assim, o processo de construção do conhecimento, mas, por outro lado, constata-se também anseios de mudanças das práticas docentes o que possibilita avanço no que diz respeito a superação das dificuldades do processo ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação, Prática Docente, Conhecimento, Processo Ensino Aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÃO SOBRE O PERCURSO DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	11
1.1 Breve histórico da avaliação da aprendizagem.....	11
1.2 Conceito de avaliação.....	17
1.3 Características de avaliação.....	21
1.4 Funções de avaliação.....	24
2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	28
2.1 Procedimentos metodológicos.....	28
2.2 Breve caracterização da instituição escolar pesquisada.....	29
3 RELATOS E ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS.....	31
3.1 Análise das informações obtidas através do questionário.....	38
APRECIÇÃO CRÍTICA.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um estudo que teve por finalidade a elaboração de uma monografia, trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, realizado durante o Estágio Supervisionado no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual "Antônio Teodoro neto", na cidade de Sousa-PB, no turno tarde, no período de outubro a novembro de 2007.

A temática a ser desenvolvida nesta monografia é a avaliação escolar. Como é de domínio público a avaliação exerce um papel significativo no processo ensino aprendizagem. Essa temática surgiu com o objetivo de analisar o processo avaliativo e as práticas desenvolvidas pelos professores, discutir as dificuldades do processo avaliativo no cotidiano de sala de aula e caracterizar as práticas avaliativas dos professores das séries iniciais, desta forma discutir alguns princípios e alternativas para a prática avaliativa buscando as mudanças qualitativas no contexto escolar.

O estudo da temática da avaliação da aprendizagem na contemporaneidade tem sido objetivo de discussões, reflexões e questionamentos entre os educadores, no sentido de rediscutir e redimensionar concepções e práticas avaliativas no cotidiano de sala de aula. Ao definir as nossas práticas avaliativas é imprescindível levantar alguns questionamentos: por que avaliamos? Quais as perspectivas de avaliação para o século XXI? Que tipo de cidadão queremos formar? Que educação queremos para os nossos alunos?

Frente a esses questionamentos não é possível comungar com uma prática avaliativa classificatória e eliminatória presente ainda hoje, nas escolas. Nessa lógica, cabe à escola, e em particular aos educadores, a elaboração de registros avaliativos confiáveis que possibilitem a inclusão do aluno na escola e conseqüentemente o estreitamento das desigualdades sociais.

Contraopondo-se a essas formas avaliativas arcaicas, Hoffmann (2001, p. 64) destaca que avaliar para promover "exige observação longitudinal do processo,

através procedimentos diversificados de análise, da proposição de situações complexas de aprendizagem, encadeadas e sucessivas, além da reflexão acerca das múltiplas dimensões que encerram cada resposta de um aluno”.

Nessa ótica, percebe-se que não é mais possível compreender a avaliação como ato de medir, excluir e julgar o aluno, tendo como parâmetro apenas o que ele foi capaz de demonstrar através de provas, testes e exames. A avaliação deve ser encarada como um processo de acompanhamento do crescimento do aluno na perspectiva de superação das dificuldades. Neste sentido, o ato de avaliar exige o acompanhamento contínuo e individual de cada aluno num processo dialético de ação e reflexão da prática educativa do educador.

As avaliações praticadas nas escolas públicas ainda não atendem aos interesses reais dos alunos. Desse modo, tornando o processo avaliativo um momento constrangedor para educando e educadores, pois ambos desconhecem a importância e a real finalidade da avaliação no âmbito do processo ensino-aprendizagem.

Ao analisar o processo avaliativo devemos identificar como o aluno aprendiz está se movimentando frente às novas aprendizagens e quais são as suas dificuldades. Assim, o professor elabora um diagnóstico mais seguro desse processo de ensino aprendizagem, no sentido de superação de tais dificuldades.

Neste trabalho refletiremos sobre a avaliação da aprendizagem no âmbito educacional escolar, repensando a sua função e sugerir uma avaliação que possa ser colocada em prática de fato, uma avaliação que ultrapasse o discurso, entendendo a avaliação como um dos fatores determinantes do sucesso escolar, quando realizada com objetivo de melhorar o processo ensino-aprendizagem nos aspectos qualitativos, relacionando a contribuição que os pedagogos devem oferecer na melhoria deste processo. A avaliação deve possibilitar a formação do cidadão como forma de capacitá-lo para o convívio social, possibilitando seu desenvolvimento e sua integração efetiva na sociedade.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, a saber: o primeiro capítulo apresenta reflexões sobre o percurso da avaliação no contexto escolar, abordando o breve histórico da avaliação; concepções de avaliação; características da avaliação classificatória, diagnóstica e dialógica e as funções da avaliação.

No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos, onde são abordados as etapas do processo de investigação e os instrumentos de coleta de dados utilizados, optou-se pelo questionário que contemplou questões abertas e fechadas, aplicados com 05 professores, com o objetivo de caracterizar o processo avaliado desenvolvido em sala de aula. A opção pelo questionário como instrumento para a coleta de informações, justifica-se por este ser uma técnica de coleta ágil, mais rápida e prática na tarefa de levantamento de dados. Os dados coletados foram analisados à luz dos métodos quantitativo e qualitativo. No primeiro momento da análise, o método quantitativo possibilitou a qualificação das informações com a intenção de garantir a precisão dos resultados. No segundo momento a abordagem qualitativa permitiu fazer uma análise teórica dos fenômenos sociais, tendo como base os dados coletados. Após a etapa de coleta realizamos a análise do material com base nas informações dos professores e fundamentado nas concepções dos autores estudados.

No terceiro capítulo, relatamos as vivências observadas na escola e registradas no diário de campo que proporcionou um contato direto com o campo explorado, oportunizando um comparativo, uma reflexão daquilo que se vê na teoria e o que se revela na prática. E por fim, as conclusões desta investigação.

1. CONSIDERAÇÕES E REFLEXÃO SOBRE O PERCURSO DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

1.1 Breve histórico da avaliação da aprendizagem

A temática avaliação da aprendizagem nos dias atuais é motivo de estudo, discussões e debates por parte de educadores, no sentido de tentar compreender os reais propósitos e significados da avaliação cotidiana de sala de aula.

A importância atribuída a avaliação no âmbito escolar contribui para a melhoria da qualidade da aprendizagem e do ensino. Souza (1993, p. 137) enfatiza que “A avaliação é uma faca de dois gumes. Diagnostica tanto a aprendizagem do aluno como o ensino oferecido pelo professor. O fracasso do aluno é o fracasso do planejamento”.

Desta maneira, a avaliação da aprendizagem se caracteriza como momento de envolvimento dos alunos e professor num diálogo permanente no sentido de superar as dificuldades, encontradas no processo ensino aprendizagem, em função da continuidade das atividades, do conteúdo pragmático e do seu relacionamento com outros ramos do saber. Como bem enfatiza Hoffmann(1991, p. 15), “[...] Educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente [...]” (GADOTI, 1984).

Cabe ao professor trabalhar com a auto-estima dos alunos, estabelecendo vínculos afetivos, calcados na verdade do diálogo, respeitando-os como pessoas diferentes que são entre si. O estabelecimento desse vínculo não é fácil, já que, em geral, lida-se com pessoas cujos valores são diferentes. Souza, (1993, p. 150) aponta “A participação do aluno na avaliação é a crença no indivíduo como ser humano auto determinado; capaz de solidariamente construir seu destino [...]”.

Podemos observar, que a avaliação não se faz sem o farol da prática a iluminá-la. E o desafio maior é não se acomodar diante de uma prática pedagógica. O professor deve estar numa constante inquietação na atitude de buscar novos conhecimentos e

novas propostas de avaliação, partindo sempre das atividades práticas para o crescimento e para representações mentais.

Desde que se noticiaram as primeiras práticas avaliativas, no período antes de Cristo, utilizavam-se os exames para selecionar homens para serem admitidos nos serviços públicos. Dessa forma, os exames, ferramentas avaliativas, são concebidos não como uma questão educativa, mas como forma de controle social.

O uso da avaliação como medida, segundo Depresbiteris (1993, p. 51). “Vem de longa data: já em 2.205 a.C. o grande Shun, imperador chinês, examinava seus oficiais com o fim de os promover ou demitir”. A autora explicita que a avaliação surgiu como medida desde os primórdios da humanidade, com o objetivo de excluir, classificar e medir capacidades, para a manutenção da sociedade, o imperador selecionava seus oficiais e os classificavam.

Sabendo que a necessidade de medir surgiu há muitos anos, no próprio corpo, o homem foi buscar as primeiras unidades de medidas precisavam de padrões que hoje se considera indispensáveis como precisão, objetividade e sistematização, para alcançar o objetivo desejado.

Na ótica de Depresbiteris (1993, p. 51, 52):

[...] no século XIX, quando Horace Mann criou um sistema de testagem. Diz a história que uma controvérsia entre Mann e os comitês das escolas americanas sobre a qualidade da educação fez com que ele propusesse a experimentação de um sistema uniforme de exames, em uma amostra selecionada de estudante das escolas públicas de Boston [...]

Percebe-se que este sistema de testagem iniciou nos Estados Unidos da América no século XIX, com a finalidade de melhorar os padrões educacionais, Mann sugeriu outras medidas como: substituir os exames orais pelos escritos; utilizar, ao invés de poucas questões gerais uma quantidade maior de questões específicas e buscar padrões mais objetivos ao alcance escolar.

Na concepção de Depresbiteris (1995, p. 52) referente ao contexto histórico da avaliação é necessário retornar.

[...] ao contexto dos Estados Unidos, teria de mencionar Tyler e Bloom. Tyler, porque provocou um grande impacto na literatura com seu “Estudo dos oito anos”, realizando com Smith, no qual defendia a inclusão de uma variedade de procedimentos avaliativos, tais como: testar, escala de atitude, inventários, questionários, fichas de registro e outras formas de coletar evidências sobre o rendimento dos alunos com relação à consecução dos objetivos curriculares (Tyler, 1949). E Blom, que defendia a idéia que o domínio da aprendizagem é teoricamente disponível para todas, se houver possibilidade de encontrar os meios de ajudar cada estudante. Uma fundamentação para seu ponto de vista era encontrada nas normas de avaliação de muitos textos padronizador de rendimentos [...].

Tyler (1949) com o estudo dos “oito anos” ocasionou uma impressão muito forte na literatura, defendia a inclusão variada de procedimentos avaliativos como: testes, questionários, fichas de registro e outras formas de obter dados sobre o desempenho de produtividade dos alunos em relação aos objetivos curriculares propostos.

Para Tyler (1949) em seu trabalho intitulado: “princípios básicos do currículo e ensino” o autor caracteriza a avaliação como procedimento que permite verificar se os objetivos educacionais estão sendo atingidos pelo programa de ensino, que tem por finalidade adquirir informações quanto ao desempenho dos alunos em face dos objetivos esperados possibilitando que se verifique se o rendimento dos alunos foi atingido.

Neste contexto, a avaliação possibilita subsidiar ao professor para uma análise do trabalho realizado em sala de aula. Seja o planejamento de suas atividades ou a realização do programa de ensino. Cabendo ao professor fazer uma articulação entre os objetivos propostos e os resultados obtidos na avaliação da aprendizagem.

Na concepção de Blom o professor detém o saber e que passa o conhecimento de forma igual para todos, não se preocupando em encontrar meios que favoreça o aprendizado de cada educando.

O principal objetivo era selecionar, os aptos e os não aptos, através de uma avaliação feita com testes padronizados de rendimentos do produto. Acontecendo sucessivamente, classificando os melhores alunos em um ano em períodos posteriores.

Pautando-se nessa idéia percebe-se que a classificação, nessa perspectiva, Bloon faz uma distinção entre o processo de ensino-aprendizagem onde o seu interesse era preparar o estudante tornando-o pronto. O objetivo da avaliação era verificar se o aluno se desenvolveu da maneira esperada pelo professor.

Nota-se que o processo da avaliação vem caminhando no sentido de adequação do educando e que este atinja um nível de conhecimento calculado em estudos e aperfeiçoamento com experiências que garantam resultados positivos com a finalidade de adequar o sujeito aos padrões, pré-estabelecidos da sociedade que é a manutenção do poder do sistema vigente no qual está inserido.

Saul, (1998) trata a questão histórica da avaliação, apontando como primeiro enfoque a avaliação da aprendizagem, onde está centrado o objeto na aprendizagem do aluno. Esta corrente behaviorista permanece no Brasil até meados dos anos 70. Tendo como objetivo principal o controle do currículo e do planejamento, em busca de medidas controlando os dados. Onde a autora refere-se ao ideário pragmático behaviorista americano, sujeito a avaliação a uma seqüência de questões comportamentais no período histórico e que se desenvolve em tecnologias variadas, entre as quais a "intenção programada" e a "prova objetiva".

Desse modo, cabe salientar que desde os anos 30, através da Psicologia aplicada, houve grande proliferação de testes e medidas de cunho avaliativo, a partir da influência da Psicologia aplicada.

No Brasil, as correntes mais ligadas ao pragmatismo, inglês americano apresentaram bons resultados como exemplo a testes A.B.C. aplicados em 1934, no Rio de Janeiro onde apresentaram resultados concretos na sua atuação.

Segundo Lourenço Filho (1969, apud LIMA 1994, p. 70):

Medir pressupõe padrões, ou pontos com os quais, mediante comparação, o exame singular, num indivíduo do grupo homogêneo considerado, passa a ter valor diagnóstico, isto é, passa a permitir critérios de diferenciação, classificação ou hierarquização.

Observamos que ainda hoje, a avaliação da aprendizagem é utilizada como disciplinamento, alienação, castigo, é um meio de promoção do aluno. Segundo Luckesi (1995, p. 22), “esses fatos não se dão por acaso. Tais práticas já estavam inscritas nas pedagogias dos séculos XVI e XVII...” um pouco depois do descobrimento do Brasil, período em que os jesuítas foram trazidos para ajudar sua colonização.

O segundo enfoque – apontado por Saul é o curricular subordinado às mudanças decorridas nos Estados Unidos, a partir de 1976, com uma defasagem de quase duas décadas, com o aproveitamento dos projetos de currículos. Tornando como modelo o de Stuffbeam, cujo enfoque é a tomada de decisão, que passou a ser utilizadas por equipes de currículos das Secretarias de Educação de vários estados.

Neste sentido, a medida do rendimento do aluno, numa perspectiva de mensurar o comportamento centrado no educando, passa a abordar o currículo como elemento do processo avaliativo. Proliferando assim, os materiais pedagógicos para o aluno, acompanhados dos manuais instrucionais para os professores; esta vertente penetrou no mundo acadêmico, chegando a ser subsidiado por Leis, Decretos e Pareceres.

O terceiro enfoque, a avaliação qualitativa trabalhado por Saul deu-se início a partir de 1978, a qual analisa a história da avaliação, no sistema educacional brasileiro sob a avaliação qualitativa que tem para nós uma importância substancial no que diz respeito a clareza das necessidades de uma transformação estrutural, e de um novo olhar, de um novo paradigma.

De acordo com Saul, (1988, p. 42).

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

A proliferação de trabalhos nessa vertente dependerá de uma mudança nas crenças dos avaliadores, de uma disposição para

esposar um novo paradigma alternativo, com todos a compromissos que ele envolve, bem como enfrentar, com competência, dificuldades para adentrar um campo apenas inicialmente explorado.

Utilizando-se das categorias quantitativas e qualitativas a autora explica que esta não se contrapõe, pois ao lado de uma descrição, quantitativa obtida através de dados de medidas, a avaliação contém uma interpretação que traduz a qualidade política do processo. Em seguida aborda a questão técnica do processo avaliativo, ou seja, o cuidado com o aprimoramento dos instrumentos utilizados com sua validade e fidedignidade.

A avaliação qualitativa, que tem sido objeto de discussão, quer seja em seu conceito, quer seja em sua aplicabilidade. Na maioria das vezes, é apresentada como uma anteposição da avaliação quantitativa. Esta passa a ser rotulada como tradicional tecnicista e autoritária, tornando-se um produto de uma sociedade em determinado momento de desenvolvimento, expressando a visão do mundo e as relações sociais ora existentes em contraposição uma postura progressista da avaliação qualitativa.

É necessário evidenciar que a avaliação qualitativa não despreza os aspectos técnicos. Enquanto a avaliação quantitativa se preocupa com os aspectos técnicos, a qualitativa está ligada aos fins. A técnica é o meio utilizado para se atingir fins: isso condiciona a qualidade formal à qualidade política. Se os meios não estão servindo aos fins que se destinam, são indevidos. A técnica sem a qualidade política leva a uma ideologia de desqualificação do processo de ensino aprendizagem.

Captar a dimensão qualitativa implica atitude política e histórica, por se centrar na participação, que faz parte do desejo político do homem, num processo de conquista para atingir o ideal. Avaliar qualitativamente requer esta sensibilidade: perceber a capacidade de cada aluno para abrir espaços no âmbito do conhecimento científico, de modo a utilizá-lo para uma melhoria de vida, seja no terreno individual seja no seu compromisso social.

1.2 Conceito de Avaliação

Para compreender o termo avaliação da aprendizagem precisamos antes compreender o sentido da palavra “avaliar” que segundo Luckesi (1995, p. 92, 93).

O termo avaliar também tem sua origem no latim, provindo da composição a-valere, que quer dizer dar valor a... “Porém, o conceito “avaliação” é formulado a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...” que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado.

Nesta perspectiva, a avaliação é compreendida como objeto de poder que chega a excluir o aluno do processo ensino-aprendizagem, uma vez sua finalidade é a atribuição de notas quantitativas referentes ao que o aluno apreendeu, a preocupação principal não é com a construção do conhecimento. Desse modo, nota-se que o ato avaliativo está sendo bastante criticado, devido a ênfase que é dada as provas, notas, conceitos, reprovação e aprovação.

Segundo Sarobi apud Santana (1995, p. 28).

A avaliação educativa é um processo complexo, que começa com a formulação de objetivos e requer a elaboração de meios para obter evidências de resultados, interpretação dos resultados para saber em que medidas foram os objetivos alcançados e formulações de um juízo de valor.

Esta prática de atribuir “um juízo de valor” é cada vez mais utilizada nas escolas como instrumentos de poder, uma arma que o professor utiliza contra o aluno na sala de aula. Esta visão ancora-se na tendência de avaliação classificatória, que por sua vez, visa classificar o aluno segundo o nível de aproveitamento, sendo realizada no final de um curso, período letivo ou unidade de ensino.

Souza (1993, p. 53) diz que “[...] o aluno é, então classificado como inferior, médio ou superior quanto ao seu desempenho e pode acontecer de ficar preso a este estigma não conseguindo desvelar seu potencial [...]”.

Observa-se que a maioria dos professores pratica esta forma avaliativa revelando assim um modelo de escola que muitas vezes não se preocupa de forma mais eficaz com a construção do conhecimento do aluno. Nesta ótica, a escola trabalha a partir de uma visão que o conhecimento é algo pronto e acabado, devendo ser repassados àqueles vão para a escola, como meros receptores que devem memorizar o que é ensinado, fixando o que uma determinada classe social considera importante saber.

Assim, os processos de avaliação da aprendizagem dos alunos estão usualmente centrados num desempenho cognitivo dos indivíduos, sem referência a um projeto político-pedagógico da escola, e ainda, as avaliações escolares são direcionadas ao ato de aprovar ou reprovar.

Para Luckesi (1997, p. 32).

A prática da avaliação escolar, dentro do modelo liberal conservador, terá de, obrigatoriamente, ser autoritário, pois esse caráter pertence à essência dessa perspectiva de sociedade, que exige, controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros previamente estabelecidos de equilíbrio social, seja pela utilização de coações explícitas seja pelos meios sub-reptícios das diversas modalidades de propaganda ideológica. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como também das sociais, no contexto da escola.

Neste contexto, a avaliação tem a função de estabelecer a classificação dos indivíduos, numa concepção de que a escola deve hierarquizar os alunos classificando-os em maus, médios, fracos e fortes, baseando-se nessa idéia, conclui-se que na vida não há lugar pra todos os alunos, devem aprender isto desde cedo. Lima, (1994, p. 27), questiona “Poderiam os abusos da avaliação servirem para encobrir a própria incompetência da escola dos professores”?

Dessa forma, é notório enfatizar que a avaliação é entendida como elemento isolado e final do processo educacional, onde classificar e excluir ainda é uma prática vigente na maioria das instituições escolares.

Segundo Luckesi, (1997, p. 17): “a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processo de ensino, que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma “pedagogia do exame”.

A prática de examinar se os alunos assimilaram ou não os conhecimentos transmitidos pelos educadores tomou uma dimensão muito ampla no processo de ensino.

Ainda na concepção autor supracitado,

[...] os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio de ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados [...]. (p.18)

Esta forma de pensar deve-se ao fato de que a dinâmica estrutural das sociedades divididas em classes sociais antagônicas utilizam a educação como instrumento de dominação, uma vez que essa sociedade são governadas por grupos dominantes e a cultura é postulada conforme o interesse desse grupo.

Assim, a escola, o currículo escolar e, sobretudo, a avaliação são reflexos dessa estrutura complexa de relação de poder, tal estrutura social, corrobora fortemente para a compreensão de que o fracasso escolar seja responsabilidade individual do discente. No entanto, o aluno não pode ser responsabilizado, nem tão somente os professores, que muitas vezes, não são preparados para esta função avaliativa.

Os modelos classificatórios de avaliação, em que os alunos são estigmatizados em aprovados ou reprovados, oficializando a concepção social excludente adotada pela instituição escolar. Neste sentido, o resultado do processo avaliativo é considerado como uma sentença, um veredicto final da capacidade do aluno que fica registrada e é perpetuado para o resto de sua vida, não somente pelos que fazem a instituição escolar, mas também do seu convívio social.

Luckesi (1997, p. 118) alerta para o fato de que

A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar; por isso, contribui em todo o percurso da ação planejada. A avaliação se faz presente não só na identificação da perspectiva político-social, como também na relação de meios alternativos e na execução de projeto, tendo em vista a sua construção.

Percebe-se que a avaliação antecede o ato de planejar, quando tem a finalidade de auxiliar na execução de atividades propostas que subsidia na tomada de decisão satisfatória para que haja avanços no processo de ensino aprendizagem.

A avaliação é considerada uma atividade necessária que acompanha o ser humano na construção dos resultados que foram planejados, por isso, torna-se indispensável para o rendimento da ação. Portanto, a avaliação deve ser utilizada da melhor forma possível, contribuindo assim, para o desenvolvimento do homem em sua totalidade.

Luckesi (1997, p. 42), destaca que:

Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumentos dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação.

Percebe-se que a participação de todos os envolvidos neste processo acontece quando estivermos consciente de que devemos mudar nossa prática educativa, tendo em vista a transformação e o crescimento do ser humano.

Partindo para uma escola aberta, viva, onde trocamos compartimentos por integração, desarticulação por articulação, descontinuidade por continuidade, não só na teoria como sua prática educacional propiciando estilos e diagnósticos novos, utilizando metodologias que propiciem ao aluno o desenvolver-se na sua totalidade e nas múltiplas dimensões, onde seja capaz de construir o seu próprio saber utilizando-se das emoções, razões e intuição, percebendo que corpo e espírito, razão e emoção são inseparáveis, ampliando a sua visão de mundo e de vida. Assim, a avaliação diagnóstica tem como objetivo auxiliar o avanço e o crescimento do educando na sua totalidade.

A avaliação na perspectiva de Hoffmann (1995, p. 21): [...] deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas unidades de conhecimento. Observa-se que esta concepção de avaliação possibilita um trabalho de superação das dificuldades, dos alunos atendendo as necessidades do processo ensino-aprendizagem.

Avaliação mediadora é um processo contínuo que acompanha o ensino-aprendizagem, através de observações, registros, diálogos e questionamentos, possibilitando espontaneidade no sentido de refletirem e valorizar as dúvidas dos educadores visando o crescimento, compreendendo a relação estabelecida na avaliação educacional, na vivência do aluno, escola e mundo.

A avaliação mediadora possibilita a integração entre educando e educador na busca incessante de compreender e fazer relação entre o âmbito escolar e mundo em que estão inseridos, proporcionando oportunidades de criarem e viverem juntos vários e desafiadoras situações de vida.

Para que a avaliação atinja o caminho da superação das dificuldades de aprendizagem é preciso vivenciar a avaliação como movimento, ação e reflexão sobre sua prática pedagógica.

É imprescindível o educador fazer uma reflexão constante sobre a sua práxis educativa, objetivando refletir ações que vão se construindo no cotidiano escolar. Portanto, a avaliação não é um fim em si mesma, mas sim um meio que constrói alternativas coerentes com a realidade para que haja realmente aprendizagem.

1.3 Características da avaliação

Os estudos realizados por Romão (1988) e Libâneo (1994) sobre avaliação apontam as características mais importantes da avaliação, são elas: classificatória, diagnóstica e dialógica. Segundo Romão (1988). As características da avaliação classificatória são:

- a permanência, a estrutura, o estático, o existente e o produto;
- destacar a importância das medidas de dimensões ou aspectos quantificáveis, opondo, na maioria das vezes, as descrições qualitativas, por sua vez subjetivada viciadora da autenticidade da expressão dos desempenhos;
- considera ainda a importância da periodicidade de processo de avaliação e de registros de seus resultados especialmente nos momentos de terminalidade no caso da avaliação da aprendizagem, ao final de uma aula, de uma unidade, de uma série ou de um curso.

Estas características têm a função de classificar, excluir e valorizar o já existente priorizando medidas nas dimensões quantitativas, desprezando os aspectos qualitativos, visando apenas identificar o que o aluno já aprendeu com o intuito de classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento nos padrões científicos ou culturais, tendo em vista a promoção ou não dos mesmos de uma série para outra.

Com isso, o professor reduz a avaliação a cobranças do conteúdo que foi ensinado para detectar se o aluno memorizou, utilizando a nota como instrumento de controle formal, com o objetivo classificatório, deixando claro, o que importa é o veredicto do professor onde o aluno tem que se adaptar e se adequar com o conteúdo transmitido pelo professor.

Libâneo(1994, p. 198) ressalta que:

Essas atitudes ignora a complexidade de fatores que envolve o ensino, tais como os objetivos de formação, os métodos e procedimentos do professor, a situação social dos alunos, as condições e meios de organização do ensino os requisitos prévios que tem os alunos para assimilar matéria nova, as diferenças individuais, o nível de desenvolvimento intelectual, as dificuldades de assimilação, devidos a condições sociais e econômicas, culturais, adversas dos alunos.

Percebe-se que a perspectiva classificatória avalia o aluno ignorando o que este já conhece, menosprezando a gama de conhecimentos prévios, às condições sociais e intelectuais do aluno, sua preocupação primordial é com a nota, a aprovação e a reprovação.

A avaliação diagnóstica possui as seguintes características:

- reforçam as mudanças, a mutação, a dinâmica, o desejo e o processo;
- a avaliação da aprendizagem deve ter sempre uma finalidade exclusivamente diagnóstica, ou seja, ela se volta para o levantamento das dificuldades dos discentes, com vistas à correção de rumos à reformulação de procedimentos didático-pedagógicos, ou até mesmo, de objetivos e metas;
- quando se permite fazer comparações, ela o faz em relação a dois momentos diferentes do desempenho do aluno: verificação do que ele avançou relativamente ao momento anterior de um processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação diagnóstica está a serviço de uma pedagogia preocupada com a transformação da sociedade, apoiando e valorizando o ser humano, reforçando a mudança na prática educacional nos aspectos qualitativo, desprezando atitudes de dimensões e realidades quantificáveis.

A avaliação diagnóstica tem a finalidade de auxiliar os progressos nas dificuldades dos discentes, verificando o que avançou em relação ao momento anterior no processo de ensino e aprendizagem. Esta forma de avaliação é vista como um processo contínuo que valoriza o educando na sua totalidade, fazendo registros, detectando as dificuldades através de atividades diárias, por isso, é permanente, avançando no desenvolvimento da ação e do crescimento para a autonomia do educando.

As características da avaliação dialógica ou cidadã:

- Na avaliação cidadã, a primeira preocupação é com o verdadeiro planejamento que na escola básica brasileira tem de superar, dentre outros, dois problemas:
- a discriminação dos pais e alunos na sua formulação, em nome de uma “incompetência profissional” e a deshistoricização positivista dos componentes curriculares por considerar o “aluno em geral” e não, os sujeitos discentes concretos e específicos de cada contexto-histórico social.

- Na perspectiva dessa concepção, podemos vislumbrar os seguintes passos necessários da avaliação.

I. Identificação do que vai ser avaliado;

II. Negociação e estabelecimentos dos padrões;

III. Construção dos instrumentos de medidas e avaliação;

IV. Procedimentos da medida e da avaliação;

V. Análise dos resultados e tomada de decisão quanto aos passos seguintes no processo de aprendizagem.

Os educadores precisam ter clareza do verdadeiro papel do planejamento, no sentido de superar as dificuldades do processo ensino-aprendizagem. Portanto, é essencial identificar o que vai ser avaliado, a definição dos padrões, instrumentos e análise dos resultados.

1.4 Funções da avaliação

A avaliação escolar exerce três funções: Pedagógico-didática de diagnóstico e de controle.

De acordo com Libâneo (1994, p.196) A função pedagógico-didática:

Refere-se ao papel da avaliação do cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Ao se comprovar sistematicamente os resultados do processo de ensino, evidencia-se ou não o atendimento das finalidades sociais do ensino, de preparação dos alunos para enfrentar as exigências da sociedade, de inseri-las no processo global de transformação social e de propiciar meios culturais de participação ativa nas diversas esferas da vida social.

Neste contexto, o processo de ensino acontece com a sistematização e o cumprimento dos objetivos gerais e específicos, com o intuito de apresentar dados que contribuam para que os educandos possam enfrentar às exigências da sociedade, tornando-se capaz de intervir, neste processo global e de transformação social, fornecendo meios culturais para que ele participe de forma ativa nas

diferentes esferas da vida social. É necessário que o aluno se sinta sujeito desse processo, tomando atitudes responsáveis sobre o estudo.

Cumprindo a função didática o professor e o aluno estão empenhados em atingir os objetivos do ensino, entendendo a avaliação como um componente do processo do ensino que contribui para a assimilação e fixação dos resultados obtidos em relação as atividades propostas possibilitando ao aluno aprimorar, ampliar e aprofundar os seus conhecimentos tornando-se hábil para desenvolver as suas capacidades cognoscitiva.

De acordo com Libâneo (1994, p. 197) a função de diagnóstico da avaliação:

Permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. Na prática escolar cotidiana, a função de diagnóstico é mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática é a que dá sentido pedagógico à função de controle. A avaliação diagnóstica ocorre no início e no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas.

Através de uma sondagem sobre as condições prévias em relação ao nível de aprendizagem que se encontram os alunos é que permite ao professor detectar progressos e dificuldades que determinem modificações na prática educativa do professor, possibilitando uma tomada de decisão para uma preparação e implementação de um estudo e aplicação de uma nova matéria que venha atender pré-requisitos dando seqüência a unidade didática subsequente.

No decorrer desse processo de transmissão e assimilação da avaliação diagnóstica o educador acompanha o processo dos alunos minuciosamente, cada resultado, corrigindo as falhas, tirando dúvidas encarregando-os a dar continuidade aos trabalhos propostos até que obtenha resultados desejados. Essa avaliação proporciona ao educando como ele está dirigindo seu trabalho: compreendendo a matéria, adequação de métodos e materiais, comunicação com os alunos, adequabilidade de sua linguagem, etc.

Percebe-se que a função diagnóstica prevê que a avaliação acontece antes, durante e depois de todo o processo ensino-aprendizagem, por isso faz-se necessário também avaliar os resultados da aprendizagem no final de uma unidade didática, do bimestre ou ano letivo.

Em relação a avaliação como função de controle, Libâneo (1994) ressalta:

Refere-se aos meios e a freqüência das verificações e de qualificação dos resultados escolares possibilitando o diagnóstico das situações didáticas. Há um controle sistemático e contínuo que ocorre no processo de interação professor/alunos no decorrer das aulas, através de uma variedade de atividades, que permite ao professor observar como os alunos estão conduzindo-se na assimilação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento das capacidades mentais.

A função de controle torna-se importante, quando se utiliza de meios que venha verificar a freqüência das qualidades dos resultados escolares a qual possibilite o diagnóstico das situações didáticas. Havendo um controle contínuo e sistemático que acontece durante o processo ensino-aprendizagem com a integração professor-aluno. Ocorrido na sala de aula. Utilizando atividades diversas permitindo através da observação que o professor seja capaz de detectar como os alunos estão conduzindo a assimilação do conhecimento e habilidades no seu desenvolvimento cognitivo, não quantificando apenas os resultados, aprimorando assim a qualidade de ensino.

Libâneo(1994, p. 196) enfatiza que nos diversos momentos do processo de ensino são tarefas da avaliação:

- Verificação = coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos, através de provas, exercícios e tarefas ou meios auxiliares como observação de desempenho, entrevista, etc;
- Qualificação = comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos, e conforme o caso, atribuição de notas ou conceitos;
- Apreciação qualitativa = avaliação propriamente dita dos resultados, referindo-os a padrões de desempenhos esperados.

Percebe-se que as tarefas da avaliação são interligadas, ou seja, uma depende da outra contribuindo para um ensino de qualidade. Através da verificação colhendo os dados que nos possibilitam diagnosticar os aproveitamentos dos alunos com a aplicação de exercício diário, provas, tarefas, observações e entrevistas.

A quantificação serve para comprovar se os resultados foram satisfatórios ou não, detectando, se os objetivos foram alcançados, para a partir daí, atribuir notas ou conceitos.

Em relação a apreciação qualitativa propiciada ao educando exercer uma avaliação voltada para o desenvolvimento do aluno propiciando resultados positivos quando está voltado ao progresso do educando na sua totalidade referindo-se aos padrões pré-estabelecidos como o desempenho esperado e resultados significativos.

2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

2.1 Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho nos oportunizou realizar questionamentos, reflexões e discussões referentes à temática avaliação. Os sujeitos da pesquisa foram 05 professores das séries iniciais da Escola Estadual Antônio Teodoro Neto, no município de Sousa-PB, com a finalidade de atingir os seguintes objetivos:

1. Analisar o processo avaliativo e as práticas desenvolvidas pelos professores na escola;
2. Discutir as dificuldades do processo avaliativo no cotidiano de sala de aula;
3. Caracterizar as práticas avaliativas dos professores.

Para a realização deste trabalho, optamos por um estudo de natureza exploratória, por permitir um primeiro contato com o campo pesquisado. Segundo Santos (2000, p.26) *“Explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno.”* Desse modo, realizamos nossos primeiros contatos com o fenômeno a ser pesquisado e conseqüentemente um maior aprofundamento sobre a temática em estudo.

Para Gonçalves, (2000, p.65) a pesquisa exploratória:

É aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivos de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Os dados coletados foram à luz dos métodos quantitativos e qualitativos. No primeiro momento, trabalhamos com o método quantitativo possibilitou a quantificação das informações com a intenção de garantir a precisão dos resultados. Num segundo momento, a abordagem qualitativa permitiu fazer uma análise teórica

dos fenômenos sociais, tendo como base nas informações dos professores e fundamentado nas concepções dos autores estudados.

Com relação ao instrumento utilizado para coleta de dados, optamos pelo questionário. A opção pelo questionário para coleta de informações, justifica-se por ser este uma técnica de coleta ágil, mas rápida e prática na tarefa de levantamento de dados. O questionário contemplou questões abertas e fechadas, tendo em vista caracterizar o processo avaliado desenvolvido pelos professores em sala de aula.

Segundo Richardson, (1999, p.189) os questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever características e medir determinadas variáveis de um grupo social. “[...] *uma descrição adequada das características de um grupo não apenas beneficia a análise a ser feita pelo pesquisador, mas também pode ajudar outros especialistas [...].*”

As atividades foram desenvolvidas através de discussão de textos baseados no referencial teórico com objetivo de refletir e ampliar o conhecimento dos professores sobre a temática no sentido de contribuir para efetivação e uma prática pedagógica que atenda às necessidades dos educandos.

2.2 Breve caracterização da instituição escolar pesquisada

A Escola Estadual do Ensino Fundamental “Antônio Teodoro Neto” recebeu este nome em homenagem póstuma ao ilustre filho de Sousa-PB, Antônio Teodoro Neto, *In memoriam*, em reconhecimento ao trabalho realizado pela comunidade .

A escola foi criada através do Decreto 13.168 de 04/07/1989 sob o ato que reconheceu o funcionamento nº 4.745 em 10/10/85. Está situada na cidade de Sousa-PB.

A escola atende aos alunos da sua comunidade e das proximidades circunvizinhas. A sua clientela é composta por filhos de agricultores, serventes, pedreiros, pequenos comerciantes, vigilantes e donas de casa.

A escola conta com 33 professores; 01 diretor, 01 diretor adjunto, 10 auxiliares de serviços, 03 merendeiras e 03 secretários. Funciona nos três turnos, manhã, tarde e noite. No turno manhã funciona 12 turmas: um pré-escolar, dois 1º ano (alfabetização), três 2º ano (1ª série), dois 3º ano (2ª série), duas 4º (3ª série), duas 5ºano (4ª série); turno tarde funciona 10 turmas: um 5º ano (4ª série), três 6º ano(5ª série), um 7º ano (6ª série), um 8º ano (7ª série), um 9º ano (8ª série) e duas turmas do programa SILIGA e ACELERA BRASIL; turno noite: seis turmas da E.J.A (Educação de Jovens e Adulto), perfazendo assim, um total de 689 alunos matriculados neste estabelecimento de ensino, no ano letivo de 2007.

A escola é constituída de 12 salas de aula, 04 dependências administrativas, 01 sala para os professores, 04 banheiros, 02 depósito, 01 para a merenda e outro para material didático, uma cantina e 02 área coberta para lazer, reuniões e evento, além de uma grande quadra de esporte com arquibancadas e alambrado.

A referida escola dispõe de recursos tecnológicos, material didático, livros didáticos e livro destinados à pesquisa, entre outros.

3. RELATOS E ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS

O presente estudo permitiu um contato direto com o campo explorado proporcionando ao educando novas possibilidades de apreensão do conhecimento que oportunizaram um comparativo, uma reflexão daquilo que se vê na teoria e o que se revela na prática. Neste sentido, partimos para o Estágio Supervisando com os alunos do 5^a ano da Escola Estadual "Antonio Teodoro Neto", para fazermos esse comparativo entre teoria e prática.

Antes, porém, de iniciarmos nossa atividade propriamente dita, fizemos uma visita às salas de aula, comunicando acerca do trabalho a ser desenvolvido como Estágio Supervisionado. Aproveitando o ensejo, expomos nossa proposta enfatizando a necessidade de se conhecer os alunos do 5^a Ano, para que então pudéssemos desenvolver um trabalho significativo. O termo significativo deu margem a uma conversa informal e muito produtiva com os alunos, a partir da qual decidimos por uma metodologia fundamentada no princípio pedagógico da interdisciplinaridade. Nos fundamentamos na teoria de Nascimento, pois este afirma que:

A realidade é interdisciplinar em si mesma, acreditamos, antes de ser uma necessidade, é um imperativo, é condição *sine qua non* para a prática pedagógica mediada pelo diálogo, que busca a liberdade através da tríade ação-reflexão-ação. (1999:44).

Iniciamos a aula aplicando uma atividade de revisão sobre verbos (modo indicativo). A escolha por esta atividade de revisão deu-se pelo fato de que, na última avaliação realizada sobre o tema em questão, o resultado não foi satisfatório. Percebemos a preocupação da professora diante da falta de interesse dos alunos, como também, sua preocupação quanto a forma de avaliar.

Luckesi (1995:39) afirma que *"uma avaliação escolar conduzida de forma inadequada pode possibilitar a repetência e esta tem conseqüências na evasão."*

Sendo a avaliação um elemento de suma importância no processo de ensino aprendizagem por parte do dia-a-dia do aluno e do professor, faz-se necessário, buscar um maior entendimento acerca do processo de avaliação escolar. Portanto,

para que essa preocupação torne-se realidade o processo ensino-aprendizagem precisa estar acompanhado por um processo maior que é o desenvolvimento de um Projeto Político Pedagógico que viabiliza a sua ação docente na busca de aprimorar e aperfeiçoar o processo ensino aprendizagem – avaliativo.

Nesta oportunidade, enquanto a professora dava prosseguimento a aula, procuramos observar o comportamento dos alunos. Nitidamente percebemos a dificuldade imensa que eles têm em se concentrar. A todo tempo ficam com conversas paralelas sem contar às vezes que saem da sala sem pedir permissão.

Observamos que boa parte dos alunos ao fazerem a tarefa proposta sobre os assuntos sentenças matemáticas (termo desconhecido) e operações de multiplicação, demonstraram dificuldades e que não gostam da disciplina, expressada pelos seguintes discursos:

Ah! Professora está muito difícil. (aluno A)

Não vai dar tempo, deixe a gente fazer em casa (aluno B)

Desse modo, e, na observância da indisciplina alguns alunos responderam a atividade sem a orientação da professora, e os demais sem controle, cercaram o birô. Neste momento, a responsável pela disciplina chama a turma para o lanche.

O que percebemos no decorrer da aula é que os alunos são inquietos alguns entram e saem da sala todo instante como se não tivesse nenhuma importância estar lá, atrapalhando, desta forma, a concentração dos que querem participar das atividades.

Já nas aulas de português, trabalhamos a causa da chuva, um texto que fala sobre a importância da água para nossa sobrevivência, as quais nos ajudam a trabalhar ciências. Para tanto, iniciamos vivenciando uma dinâmica de grupo, a qual utilizava o papel como recurso.

A dinâmica de grupo é relevante durante a aula por que é um momento lúdico em que as crianças integram criatividade e aprendizado.

Ao receberem o papel com frases retiradas do texto perguntavam: o que vamos fazer com esse papel? (aluno B)

Durante a dinâmica no momento de ler e discutir as frases retiradas do texto, a maior parte da turma não se dispôs, alegando:

Eu não gosto dessa brincadeira! (aluno F)
Eu não sei falar sobre isto! (aluno G)
Para que servem estas frases? (aluno H)
Professora, a gente vai ter de ler? (aluno I)

Percebemos que alguns dos alunos não entendem uma dinâmica de grupo como sendo uma estratégia de aprendizagem e sim, como uma brincadeira ou forma de tomar o tempo da aula. Percebemos ainda, a forma como se expressam oralmente, com erro de concordância, de conjugação, etc, pois nos chama atenção é o fato de estarem estudando verbo, e não se preocuparem em consertar essa situação uma vez que para ler eles mostram resistência.

Como forma de avaliação do MEC, no dia 14.11.2007 foi a aplicação da prova Brasil. Ficando na sala somente os alunos e a aplicadora da prova chamada Lourdes.

Na aula cujo tema era movimento no campo e na cidade desenvolvemos uma atividade de revisão, vindo atender aos alunos com maior dificuldade. Estavam todos agitados porque após o recreio eles fizeram a prova.

Durante a atividade de revisão um aluno perguntou:

Professora, a senhora vai dar as repostas das questões? (aluno C)

Argumentando que não daria tempo para responder.

Quando no instante da correção e explicação do conteúdo uns alunos exclamavam:

Não estou entendendo nada! (aluno D)

Esses meninos nem estudam nem deixam a gente estudar! (aluno C)

Essas exclamações revelam-nos certa insegurança, falta de atenção e indisciplina.

Cabe ao professor trabalhar a auto-estima dos alunos, estabelecendo vínculos afetivos, calcados na verdade e no diálogo, respeitando-os como pessoa que são, diferentes entre si.

Chegamos à sala de aula com as provas de Geografia para serem aplicadas. Como forma de avaliação de rendimento a professora optou por uma produção textual sobre o tema *Movimentos no campo e na cidade*, porém poucos a fizeram, por não gostarem de escrever. Sendo este um problema comum nas produções textuais dos alunos e preocupante para a professora. (discurso da professora), trabalhamos também com livros paradidáticos e textos complementares.

No dia seguinte a aula teve início com a entrega das notas, para desespero de muitos e alegria de poucos. Ao receberem as notas começaram as perguntas e reclamações.

Por que eu fiquei com nota 6,0, se acertei 07 questões? (aluno B)
Professora, a senhora foi injusta, não considerou a questão nº4.
(aluno C)

Essa atitude expõe uma preocupação pedagógica, que é a questão da prática avaliativa, sabendo ser muito complexo abolir a prova de nossas salas de aula, ainda mais que esta corrobora as exigências burocráticas nos vários sistemas de ensino. É fundamental repensar a questão metodológica da avaliação da aprendizagem escolar com e a serviço de quem está sendo conduzido à escola.

De acordo com Hoffmann (1998:54):

Conceber e nomear o “fazer teste”, “dar” notas, por avaliação é uma atitude simplista e ingênua. Significa reduzir, o processo avaliativo de acompanhamento e ação com base na reflexão, a reduzidos instrumentos auxiliares desse processo, como se nomeássemos por bisturi um procedimento cirúrgico.

Nas aulas de ciência, revisando o assunto sistema reprodutor, utilizamos dois recursos tecnológicos (TV/ VÍDEO), como forma de estimular os alunos a participarem mais ativamente das discussões do tema. Procuramos dinamizar a aula

apresentando um artigo sobre reprodução humana. Os recursos audiovisuais, nesta ocasião, estimulariam os sentidos dos alunos, proporcionando aos mesmos vivenciarem na prática o que os livros ensinam, assim como nos diz Pestalozzi "Quanto maior o número de sentido que empregamos na investigação da natureza ou das qualidades de um objeto, tanto mais exato é o conhecimento que adquirimos deste objeto." (apud PARRA, 1977, p. 23)

Durante a exibição houve uma total concentração. Para eles, aquele momento não representava uma aula, pois seu entendimento de aula reside, ainda, na utilização de quadro, giz, e explanação do professor, imagem de uma educação bancária ainda presente, senão na escola, mas no pensamento de muitos alunos.

Na aula em que trabalhamos as diversidades textuais, a maior parte dos alunos não parava de conversar. Nesse instante percebemos o motivo de tanta inquietação, estavam ansiosos para fazer o passeio ao Espaço Cultural, que estava marcado para após o recreio. Chegando o grande momento, tão esperado foi aquela algazarra, a professora pediu que eles se comportassem e perguntou: Vocês lembram das regras de comportamento que foram anunciados? Mas para os esquecidos escutem:

- Regra número 1: Sair da sala tudo em fila, e sem conversa paralela.
- Regra número 2: Ao entrar no ônibus todos sentados, e não é permitido colocar a cabeça e o braço fora da janela.
- Regra número 3: Silêncio total.
- Regra número 4: Chegando ao espaço cultural não podem se dispersar, todos juntos o tempo todo.
- Regra número 5: Ao retornar obedecer às regras anteriores.

Feitas as devidas orientações, todos saíram em fila e entraram no ônibus. Durante o percurso da escola até o Espaço Cultural, observamos a satisfação que demonstravam em estarem realizando um sonho e a felicidade expressiva em seus sorrisos.

Ao chegar ao Espaço Cultural seus olhares se perdiam diante do até então desconhecido, ficaram encantados com tudo que via e ouvia. As sessões de perguntas foram incontroláveis.

Aluna A: Por que tantos quadros neste salão?

Aluno B: Quem pintou esse quando que parece está manchado?

Aluno C: O que é Biblioteca Virtual?

Aluno D: Para que serve uma Biblioteca Virtual?

Diante tantas perguntas, muitas admirações:

Aluno A: Que lugar lindo!

Aluno B: Ah! Se eu morasse perto, e minha mãe deixasse, eu viria todo o dia.

Aluno C: Isso é que é uma Biblioteca!

Aluno D: Olha! Que sala geladinha!

Aluno E: Como eu gostaria que na minha escola tivesse esta sala de informática!

Aluno F: Que cadeiras macias!

Essas perguntas revelam-nos a falta de oportunidade do aluno em relação ao estudo de campo, quando, retratam o campo explorado.

Na aula do dia seguinte os alunos só falavam no passeio, demonstrando satisfação expressada pelos seguintes discursos:

Foi muito bom o passeio. (aluno B)

Ah! Se nós fôssemos novamente. (aluno C)

Professora leva a gente de novo. (aluno D)

Prosseguimos a aula com a apresentação de um vídeo sobre cultura, e todos ficaram atentos de forma que um silêncio total tomou conta da sala. Foram apenas dez minutos de reflexão sobre a importância da cultura para nossa vida. Terminada a exibição do vídeo, pedimos que escreva numa folha o seu entendimento a parte do que assistiu sobre o tema em questão. Nesse instante percebemos a resistência dos alunos a fazer a produção textual, expressar em frases:

Eu não gosto de escrever! (aluno F)

Produção textual é muito chata. (aluno G)

Pressupomos que esses alunos não são habituados a fazer esse tipo de atividade.

Em alguns instantes, porém, percebemos após o término das explicações sobre a importância da escrita, que boa parte dos alunos mostrou aversão ao ato de escrever, nesse instante a professora solicitou que a turma escrevesse sobre o tema “Um dia inesquecível”, foi então que começou a resistência da turma:

Professora me deixe ir não posso perder o capítulo especial de malhação. (aluno I)

Hoje vai passar um filme imprescindível! (aluno K)

Ah! Vou assistir ao filme também, depois eu estudo. (aluno F)

Essas respostas corroboram a idéia da falta de prioridade em relação aos estudos. O filme uma obra fictícia, só há de nos trazer boas lições se tivermos discernimento do certo e do errado, em outras palavras, se tivermos uma consciência crítica. Espera-se, pois, que essa criticidade desenvolva-se principalmente na escola, com o auxílio do professor, num exercício recíproco de auto-avaliação, mas, para que isso aconteça é preciso que nasça no aluno o desejo de freqüentar a escola, ou, pelo menos, que se deixe ajudar para que esse desejo floresça.

No nosso caso, os alunos das séries iniciais, não apresentam essa visão crítica do hoje e do amanhã, ou seja, o imediato, aquilo que vai servir para o hoje, com ou sem lição de vida é a novela, a escola por sua vez, pode esperar, como sempre esperou, para amanhã, um amanhã incerto e sem muito arrebatamento como na ficção. Esse comportamento nos remete a um tipo de aluno da concepção bancária da educação, o que desprovido de consciência crítica, pressupõe homem simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homem espectador e não recriador do mundo (FREIRE, 2005).

Essas e outras atividades nas ajudaram na percepção de alguns comportamentos dos alunos. Os alunos pré-adolescentes apresentam dois tipos de comportamento, alguns, por exemplo, deixam transparecer sinais de imaturidade. Consultando o dicionário Aurélio (2000), vimos que imaturo significa, entre outros aspectos, aquele que não atingiu plenamente o desenvolvimento físico, emocional ou intelectual. No caso desses pré-adolescentes essa característica é latente, isto porque não se percebe em seus comportamentos o preparo ou o desenvolvimento de uma

maturidade, que os faça deixar de agir por impulso, tornando-se alguém consciente e responsável por suas escolhas.

O mesmo ocorre com o outro tipo de comportamento/atitude desses alunos, que é a falta de prioridade na educação. Novamente recorrendo ao dicionário Aurélio, vimos que prioridade é a qualidade do que ou de quem é primeiro. Infelizmente, a educação para esses pré-adolescentes, nem sempre se enquadra nesse significado, ou seja, outros fatores como festas, eventos e a própria mídia estão em primeiro lugar.

Via de regra, sabemos que por trás desses comportamentos existe uma série de fatores determinantes, tanto a maturidade quanto a questão de prioridade esperadas por parte dos alunos, só há de se alcançar quando do contato com experiências cotidianas produtivas, tanto na escola quanto na família, contudo é preciso que estes alunos desejem aprender com elas e suas lições.

A proporção que vamos discutindo ou tentando entender o mundo dos nossos alunos, vamos explicitando vários temas que nos remete a consciência da realidade, e esses encontros foram uma prova disto. Em cada um deles procuramos retratar fielmente, e a partir de sua própria realidade, as posturas de nossos alunos, a fim de entendê-los enquanto sujeito do processo ensino-aprendizagem.

Sabemos, no entanto, que essa realidade nem sempre nos deu, a princípio, uma esperança de uma possível mudança na educação, de transformação do ser educando, uma mudança de postura alicerçada na conscientização, na libertação. Mesmo assim, insisto que tentar entender nossos alunos, tanto vai nos ajudar enquanto educador a refletir para reelaborar constantemente nossa prática educativa, quanto vai ajudá-los a se sentirem mais ativos e participativos de sua aprendizagem. Desta forma, acredito existir a transformação. A tal transformação presente nas sábias palavras de Freire (1999:10) quando afirma *não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico.*

3.1 Análise das informações obtidas através do questionário

Este estudo foi realizado na Escola Estadual Antônio Teodoro Neto, localizada no município de Sousa – PB, com o objetivo de analisar as práticas avaliativas desenvolvidas nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Estes dados foram coletados junto aos professores da referida escola, através de questionário contendo questões abertas e fechadas.

Perguntamos aos docentes se gostam de avaliar?

100% dos professores responderam que sim.

Os professores ao retratarem que gostam de avaliar deixam claro que avaliar não é uma tarefa fácil, pois requer muita atenção devido ao risco de cometer injustiça, por isso deve-se planejar as atividades de acordo com os resultados posteriores, facilitando assim o desempenho do aluno. De acordo com Demo (1987; p.7), “refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos etc.” Os professores percebem que a avaliação é o caminho que deve ser percorrido constantemente. A final, a avaliação existe para ajudar, a quem ensina e a quem aprende, a refletir sobre o seu desempenho e aperfeiçoá-la cada vez mais.

“Avaliando para saber a necessidade da aprendizagem dos alunos.” (Professor A)

“Avalio não somente para saber o que os alunos aprenderam, mas principalmente observar o que ainda não aprenderam.” (Professor B)

“Porque o aluno melhora a sua aprendizagem.” (Professor C)

“É avaliando que o professor procura suprir as deficiências da aprendizagem e como também da sua metodologia.” (Professor D)

“A avaliação é um jeito seguro de construir a confiança do aluno em seu próprio poder de superar dificuldades e aprender.” (Professor E)

Percebe-se então que a avaliação é essencial no processo ensino aprendizagem, vai além do planejamento, é um meio e não um fim em si mesma que facilita o planejamento das atividades, detectando assim as dificuldades do educando. A mesma representa um dos pontos indispensável para o alcance de uma prática pedagógica eficiente. No entanto, a avaliação praticada nas escolas públicas, ainda não atende aos interesses reais dos alunos, devido à avaliação escolar ainda está atrelada a conceitos, a termos como: medir, verificar, julgar, e excluir.

Neste sentido, a avaliação é vista como facilitadora das atividades do planejamento. De acordo com Freire(1996, p. 96):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de minar". Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas e suas incertezas.

Percebe-se assim que os alunos estão sentindo-se desafiados pelo professor para aprimorar sua aprendizagem, dessa forma os alunos sente-se envolvidos tornando-se sujeito parte do processo, ensino aprendizagem.

Ao indagarmos os docentes se enfrentam dificuldades para avaliar os alunos, 80% dos entrevistados responderam que sim, devido "a falta de interesse dos alunos", "as maiores dificuldades com relação as notas", "porque os alunos são diferentes, uns sabem mais do que outros". E 20% responderam que não. Porque avaliam em todos os aspectos do desenvolvimento humano em que demonstre apreensão, construção de conhecimentos, seja no aspecto afetivo, cognitivo, perceptivo, social, considerando a ampla dimensão desses aspectos.

Na concepção de Santana (1995, p.27) "A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminham na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos".

Observa-se que as dificuldades enfrentadas pelos professores ocorrem devido à dicotomia que há entre professor e aluno, a falta de interação entre ambos, interação esta que quando está presente no âmbito pedagógico, permite ao educando e educador crescer, experimentar, ousar e criticar suas próprias ações, tornando-se um ser consciente e autônomo para exercer a sua cidadania.

Isto só será possível se acompanhar os caminhos percorridos pelos alunos. Esta trajetória feita por cada um, obedece ritmos e interesses variados que amplia os conhecimentos.

Outra pergunta feita aos docentes, diz respeito a periodicidade com que avaliam seus alunos. 60% dos professores afirmam avaliar os alunos diariamente, enquanto 40% afirmam avaliar semanalmente e bimestralmente. Percebe-se que a avaliação contínua predomina na escola. Os professores consideram o desenvolvimento do educando em todas as atividades propostas. Na visão de Hoffmann; (2001) a construção do conhecimento do aluno é um processo que deve ser mediado pelo movimento de ação – reflexão como forma de fortalecer um outro processo que é o ensino e a aprendizagem.

Faz-se necessário um acompanhamento diário das atividades do aluno, a fim de constatar avanços e dificuldades para melhor direcionar o processo ensino aprendizagem superando as dificuldades para favorecer o crescimento do aluno. Na visão de Libâneo, (1994, p.195) “A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”. Tornando mais fácil a constatação de progressos e dificuldades dando condições ao professor de rever seu trabalho.

Quanto aos instrumentos utilizados para avaliar seus alunos, os professores informaram que avaliam da seguinte forma:

“Trabalho em grupo e prova escrita, justificando que o trabalho em grupo fornece mais aprendizagem e a prova escrita nem sempre”. (Professor A)

“Prova escrita, trabalho em grupo, trabalho individual, atividades diárias, leitura e escrita”. (Professor B)

“Prova oral, prova escrita, trabalho em grupo, trabalho individual”. (Professor C)

“Prova oral, prova escrita, trabalho individual e outros como leitura, atividades complementares e ditados”. (Professor D)

“Provas orais, provas escritas, trabalhos em grupo, trabalho individual e outros, tais como participação dos exercícios diários, sendo criativo”. (Professor E)

Observa-se, então que a maioria dos professores utiliza-se de mais de um dos instrumentos avaliativos: provas escritas, trabalhos em grupo e individual por considerarem mais eficazes, possibilitando um diagnóstico mais preciso sobre o que foi trabalhado com os alunos.

De acordo com Melchior (1994, p.113) ao elaborar um teste, o professor deve ter muito claro qual o significado do uso de um instrumento de medida no processo de ensino aprendizagem verificar se os objetivos foram atingidos e em que nível foram atingidos.

Assim, o professor deve analisar os resultados de cada avaliação fazendo os ajustes e as mudanças necessárias para superar as dificuldades apresentadas no decorrer do processo ensino-aprendizagem.

A presente investigação procurou identificar aspectos que os professores consideram ao avaliar os seus alunos. 80% dos professores informaram que ao avaliarem os alunos consideram a participação, o interesse, comportamento, frequência e criatividade, como aspectos indispensáveis para analisar os seus alunos. 20% consideram só o comportamento e o interesse nos conteúdos aplicados.

De acordo com as respostas dos docentes, estes ao avaliarem os alunos consideram aspectos tais como: criatividade, participação, predominado um valor qualitativo durante o processo ensino aprendizagem.

O professor tendo consciência e competência para estabelecer critérios que sejam compatíveis com os conteúdos trabalhados, subsidiará seu trabalho, superando as dificuldades encontradas no processo ensino e aprendizagem. No entendimento de Hoffmann (2003, p.19) “[...] avaliar é dinamizar oportunidades de auto-reflexão num acompanhamento permanente do professor que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas”.

No tocante as concepções avaliativas dos professores, estes responderam que:

“Avaliação é algo que transforma a capacidade e interesse dos alunos, isto depende do aluno”. (Professor A)

“Avaliação é um processo lento e contínuo no qual o professor se utiliza para verificar a aprendizagem do aluno e de certa forma a sua metodologia”. (Professor B).

“Se avalia para saber se o aluno vai bem nos estudos, caso contrário avalio para melhorar o aluno”. (Professor C)

Afirma que “avaliação é um método lento e contínuo do qual o professor se utiliza para verificar a aprendizagem do aluno”. (Professor D)

“A avaliação: é o compromisso que o professor tem com a educação na hora em que esta avaliando. É observar permanentemente, é diagnosticar, e não ver de forma mecânica o aluno taxado pela nota que ele tira”. (Professor E)

Ao analisar o que os professores entendem por avaliação, percebe-se um conjunto de elementos tais como: algo que transforma o aluno, um processo lento e contínuo, um método para verificar a aprendizagem, o compromisso, observar permanentemente é diagnosticar e não ver os alunos em partes, mas sim na sua totalidade, uma vez que afirmam julgarem o processo avaliativo como um instrumento subsidiário para obtenção de conhecimentos, esta atividade possibilitando – ao professor a tomada de decisões no sentido de reorientar a prática educacional para a efetivação de novas aprendizagens. As referidas visões apontam

para uma avaliativa que almeja uma aprendizagem significativa e não somente sua mera constatação. A esse respeito Luckesi (1997, p.165) diz [...] "A atividade de avaliar caracteriza-se como um meio subsidiário do crescimento; meio subsidiário da construção do resultado satisfatório".

Alguns professores concebem a avaliação como aferição de capacidade e verificação de objetivos propostos, esboçando assim, uma concepção reacionária que emperra o processo educativo. No momento em que a avaliação segundo este modelo, afasta-se do propósito de contribuir para desenvolvimento do aluno.

Como esclarece Luckesi (1991, p.93),

A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que "congela" o objetivo; a avaliação, por sua vez direciona o objeto numa dinâmica de ação.

As falas dos professores são caracterizadas em dois grupos distintos, os que conseguem identificar a idéia de avaliação na perspectiva diagnóstica e outro que entende a avaliação como um método para verificar, conferir a operação ou não dos conteúdos aplicados.

Apesar da falta de objetividade nos discursos de alguns educadores constata-se mudanças, ainda que lentas e gradativas nas práticas educativas, o que revela-nos também a superação de concepções antigas, tal fato pode ser facilmente analisado ao confrontar as falas apresentadas pelos professores, nota-se que os educadores precisam de mais aprofundamentos teóricos para superar as possíveis falhas e lacunas detectadas no processo avaliativo.

Nesta ótica, percebe-se o anseio dos professores em buscar aprimorar seus conhecimentos. Assim, é necessário e benéfico este desejo de mudanças, pois evidencia a necessidade de reestruturação de novas formas de conceber o processo educativo e como conseqüência deste, conceber também, de forma diferente, a prática avaliativa.

Indagamos também, se os conteúdos são revisados antes de trabalhar a recuperação com alunos. 100% dos professores responderam que sim, justificando que:

“Assim eles são capazes de fazer uma nova prova, dependendo da explicação do professor”. (Professor A)

“Se o aluno não conseguiu atingir os objetivos, alguma coisa estava errada, então precisamos além de revisar os conteúdos utilizar outros métodos”. (Professor B)

“É na revisão dos conteúdos que o aluno aprende”. (Professor C)

“Para que os alunos aprendam os conteúdos das provas é preciso revisar os mesmos utilizando outra metodologia”. (Professor D)

“A partir do momento em que estou observando se o que levou o aluno a ficar em recuperação foi a falta de domínio dos conteúdos, ou se foi falta de participação ou se foi falha minha na aplicação dos conteúdos”. (Professor E)

Observa-se, nas falas desses professores a preocupação que estes têm com relação à apreensão ou não dos conteúdos ministrados, como também para analisarem se as práticas educativas desenvolvidas na escola atendem de forma positiva ou negativa, no desenvolvimento do aluno, a partir daí serem repensadas e discutidas para promover um processo avaliativo significativo.

Percebem-se avanços consideráveis por parte dos educadores, quando estes identificam possíveis falhas na sua prática educativa, buscando evolução da escola rumo ao ensino-aprendizagem, norteado por uma Pedagogia que produza uma escola mais democrática, revendo conceito de avaliação, classificação, buscando no processo, mecanismos que ultrapassem a mera verificação, diminuindo a distância entre o que ensina e o que aprende.

Tudo isso nos leva a crer que para que a avaliação se torne eficiente e eficaz deverá haver uma interatividade entre aluno, professor e conhecimento transmitido,

no sentido de todos os envolvidos no processo caminharem na mesma direção buscando os mesmo objetivos.

A última indagação feita aos docentes foi em relação aos objetivos principais na avaliação.

Estes responderam que:

“é observar se seus alunos estão aprendendo ou não os conteúdos ministrados”.

“Fornecer dados que venha promover o conhecimento intelectual do seu aluno”.

Neste sentido, depreendemos para os docentes pesquisados o objetivo primordial da avaliação é o de observar, garantir, questionar, diagnosticar, fornecendo dados sobre o processo ensino-aprendizagem.

Neste caso a avaliação está cumprindo com seus objetivos, como sendo um elemento de um projeto mais amplo da escola construído coletivamente, conforme anuncia Luckesi (1997, p.85), “[...] a avaliação tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si, ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido”. Neste sentido, a avaliação é um percurso que envolve todos na construção reflexiva e coletiva com objetivos predeterminados.

Ainda de acordo com o autor supracitado:

Para que a avaliação seja crítica do percurso, é necessário que todos os envolvidos num projeto estejam com “a mesma camisa”, como se diz estar com a mesma camisa não significa ser “vaca de presépio”, que bate a cabeça dizendo “sim”, a tudo; significa, sim, estar envolvido na construção de um projeto comum e, para isso, contribuir, analisando, observando pontos de estrangulamento, sugerindo, se comprometendo. (1997, p.117).

Podemos então concluir que para se conseguir uma avaliação de qualidade a serviço da democratização do ensino faz-se necessário a integração e o compromisso de todos envolvidos no processo educativo.

APRECIÇÃO CRÍTICA

Após o término do Estágio Supervisionado, onde situações foram vivenciadas e reflexões foram compartilhadas acerca da temática em questão é possível apontar algumas considerações oriundas desta experiência.

A temática avaliação da aprendizagem se configura no cenário educativo como uma prática que merece ser rediscutida e redimensionada, em decorrência das mudanças no campo educativo, exigências formativas na contemporaneidade e novas necessidades próprias do processo ensino-aprendizagem. Na sociedade do conhecimento é cada vez mais presente a interação e inserção do aluno no processo de construção de novos saberes.

Nos dias atuais, vivemos uma dualidade de paradigmas avaliativos, o que exige dos educadores a compreensão da avaliação como um processo amplo e multidimensional. A avaliação não pode restringir-se ao ato de medir, classificar, segmentar, rotular e excluir o aluno, uma vez que esta prática educativa limita a ação e o acompanhamento do educador, além de excluir a possibilidade do aluno superar as dificuldades de aprendizagens. No entanto, ainda é visível observar práticas avaliativas classificatórias, seletivas e excludentes na escola, utilizando como único instrumento provas, testes e parâmetros apenas quantitativos.

Por outro lado, já se percebe posturas avaliativas diagnósticas que primam por observações, registros, análises e ajustes sistemáticos e permanentes do processo ensino-aprendizagem, no sentido de elaborar e produzir saberes, como forma de desenvolver o crescimento intelectual, a autonomia e criatividade do aluno, valorizando os aspectos qualitativos da aprendizagem.

Nessa ótica, é imprescindível o educador adotar práticas avaliativas que viabilizem ao educando superar as dificuldades de aprendizagens visando à construção de novas aprendizagens. Logo esse processo exige não apenas Leis e Resoluções que objetivem transformar as formas de atuação, mas também atitudes de mudanças na

postura do professor e do aluno no sentido de provocar mudanças significativas no cotidiano de sala de aula.

Este estudo possibilitou identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores para avaliar os alunos, posto que 80% responderam que são devido “a falta de interesse dos alunos” e “os diferentes níveis de aprendizagem”.

Observa-se que a maioria dos professores utiliza mais de um dos instrumentos avaliativos, como: provas escritas, trabalhos em grupo e individual por considerarem mais eficaz, possibilitando um diagnóstico mais preciso sobre o que foi trabalhado com os alunos.

Questionados os professores sobre os aspectos que consideram ao avaliar os seus alunos 80% observam: o interesse, comportamento, freqüência e criatividade, como aspectos indispensáveis para avaliar os seus alunos.

Alguns professores concebem a avaliação como aferição de capacidades e verificação de objetivos propostos, esboçando assim, uma concepção reacionária da avaliação, dificultando assim, o processo educativo. Mas, por outro lado, constata-se também anseios de mudanças das práticas o que possibilita um possível avanço no que diz respeito a superação das dificuldades no processo de ensino aprendizagem.

Sabendo da importância atribuída à avaliação da aprendizagem, é imprescindível que o educador propicie momentos de estudos e reflexões para superar as dificuldades do educando em relação ao ensino-aprendizagem, visando à construção de novos conceitos e critérios referentes à sua prática avaliativa.

O estágio proporcionou novas possibilidades de apreensão do conhecimento, permitiu um contato direto com o campo explorado, oportunizando um comparativo, uma reflexão daquilo que se vê na teoria e o que se revela na prática. Desse modo, possibilitando reflexões que possa contribuir no entendimento da temática avaliação no sentido de promover modificações na atual prática avaliativa em nossas escolas.

REFERÊNCIAS

CLARIZA, Prado de Sousa. **Avaliação do rendimento Escolar**. São Paulo: Papyrus, 1993.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. Campinas: Autores Associados, 1988.

DEPRESBITERIS, Lea, Avaliação da aprendizagem, Revendo conceito e Posições. IN: SOUZA, Clariza Prado de (org). **Avaliação do Rendimento Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alineia, 2001.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola a universidade. Porto Alegre: mediação, 1995.

_____. **Avaliação Mito & desafio**: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: mediação, 2000.

_____. **Avaliação para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar**: julgamento ou construção? 5ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudo e preposições. 5ª ed. São Paulo: cortes, 1997.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação para qualificar a prática docente**; espaço para a ação supervisora. Porto Alegre: premier, 2001.

PARRA, Nélío. **Metodologia dos Recursos Audiovisuais**. São Paulo. Saraiva, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: método e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTANNA, Iza Martins. **Por que Avaliar? Como Avaliar?** Critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: vozes, 1995.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologias Científicas: A construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2000.

SAUL, Ana, Maria. **Avaliação Emancipatória**. São Paulo: Cortez; 1991.

SOUZA, Clarilza Prado de (org.) **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas, Papyrus, 1993.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Caro (a) professor (a),

Solicitamos a você que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo sobre a avaliação da aprendizagem na escola, como requisito indispensável para a disciplina prática III do curso de pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande.

Ressaltamos que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos e serão mantidas em absoluto sigilo.

Esperamos contar com sua colaboração.

Atenciosamente

Arinalda Brasil

QUESTIONÁRIO

Tempo que atua como professor _____

Formação () Nível Médio / Qual? _____

() Nível Superior / Qual? _____

1. Você gosta de avaliar?

() Sim

() Não

Justifique:

2. Na escola onde você trabalha, existem momentos de estudo sobre o ato de avaliar?

() Sim

() Não

Justifique:

3. Quais as dificuldades encontradas no processo de avaliação da aprendizagem?

4. Quando você avalia seus alunos?

- Diariamente
- Semanalmente
- Bimestralmente

5. Quais os instrumentos que você utiliza para avaliar seus alunos?

- Observação
- Prova oral
- Prova escrita
- Trabalho em grupo
- Trabalho individual
- Outros

Quais?

6. Quais os aspectos que você considera ao avaliar seus alunos?

- Domínio de aprendizagem
- Comportamento
- Frequência
- Interesse
- Participação
- Criatividade
- Outros

Quais?

7. Você revisa os conteúdos antes de aplica novas avaliações

- Sim Não

Por quê?

8. Em que momento você trabalha a recuperação com seus alunos?

-) Após o termino de cada conteúdo
-) Após o termino do bimestre
-) Após o termino do semestre
-) Após o termino do ano letivo

9. Para você, qual o principal objetivo da avaliação?

-) Favorecer a aprendizagem
-) Corrigir as deficiências na aprendizagem
-) Classifica os alunos
-) Verificar se os objetivos elaborados foram atingidos
-) Outros

Quais?

10. O que você entende por avaliação escolar?

